

O USO DO “ONDE” NA ESCRITA DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Larissa Maria Ferreira da Silva Rodrigues (UFC)

larissa.mfsr@gmail.com

Ana Edilza Aquino de Sousa (UFC)

aninha_jbe27@hotmail.com

Introdução

Dentre os gêneros estudados na Academia está o relatório. Este é solicitado, geralmente, nos semestres finais nas disciplinas de estágio nas licenciaturas. O estudante, falamos em particular referente ao curso de Letras, deve escrever o relatório para descrever e analisar, fundamentado em teorias da área que estuda, a observação de aulas, de língua portuguesa e literatura, de professores de escolas públicas ou particulares e a regência das próprias aulas ou de um colega, enquanto estagiários.

Nessas experiências relatadas, podemos notar a ocorrência de fenômenos relacionados a fatores linguísticos e extralinguísticos que denotam uma parcela do uso da língua ainda pouco investigado nesse tipo de gênero. Para isso, contamos com o aporte teórico da Sociolinguística, em sua perspectiva variacionista, proveniente dos estudos de Labov, que evidencia o caráter variável da língua nas diversas comunicações, em casa, na escola, no trabalho, etc., para explicarmos as formas linguísticas em variação dentro do gênero relatório de estágio.

O relatório foi escolhido não só por fazer parte de nossa trajetória profissional enquanto pesquisadoras da área da Linguística Aplicada e professoras das disciplinas de estágio na Educação à distância da UFC (Universidade Federal do Ceará), mas também por ser um gênero da esfera acadêmica, que, por sua vez, demanda que o estudante tenha domínio da norma padrão. No entanto, vimos que o gênero em foco traz vestígios da língua oral, como o uso do pronome relativo *onde* em contextos não apresentados na Gramática Normativa (GN). Isso nos leva a pensar que: primeiro, a oralidade estaria se manifestando em gêneros formais, como o relatório; e, segundo, por ser um gênero tipicamente descritivo, os estudantes insistiriam nas variações de sua língua diária.

É sob essas premissas que iniciamos nossa discussão sobre o fenômeno identificado na escrita de relatórios de estágio. Antes, apresentamos a estrutura deste artigo que está dividido em referencial teórico, metodologia, análises e considerações finais.

1. Variação Sociolinguística e Semântica

Labov, na década de 60, postula que a heterogeneidade é inerente ao sistema linguístico e concebe, assim, a sua análise a partir de um conjunto de formas que se manifestam, de fato, no contexto social. Sustenta que a mudança estrutural não afeta a estruturalidade da língua, isto é, a língua continua estruturada enquanto mudanças vão ocorrendo.

Como partimos de um fenômeno variável, dialogamos com o conceito de Regra Variável de Labov (1972) sustentada pela noção de que em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas de variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

Na seção anterior, dissemos que uma primeira leitura de relatórios de estágio nos permitiu observar que o pronome relativo *onde* se constitui como variante, no

momento em que é usado em contexto de relativização preposicionada (*preposição + que/qual*). Assim, a variável linguística, nesta pesquisa, é a Relativização preposicionada e as variantes são os usos de “onde” *versus* “preposição + que/qual”.

É relevante, para a análise destas variantes, considerar que o gênero relatório (a) se realiza em um texto feito para ser avaliado pelo professor; mas também; (b) viabiliza a comunicação entre os interlocutores nele envolvidos e, devido ao contexto de leitura e produção (c) deve ser origem de posteriores ações educativas. (LEURQUIN, 2007, p. 4). Nesse sentido, faz-se necessário e oportuno refletirmos sobre os usos e espaços que uma categoria gramatical, *onde* como relativização preposicionada, vem ocupando em gêneros acadêmicos como o relatório de estágio, permitindo olharmos não somente para a sua estrutura composicional, mas também para os fatores que contribuem para o ensino de língua e para a compreensão de fenômenos linguísticos.

Além da teoria sociolinguística de base laboviana, buscamos trabalhos que nos subsidiasse nessa investigação, já que são raras pesquisas que tratam do uso do *onde* em contextos de sala de aula, especificamente, na escrita de gêneros acadêmicos, como o relatório de estágio. Um dos trabalhos que contribuiu para nossa pesquisa foi o da professora Pires de Oliveira (1998).

A autora constrói seus argumentos, com base na Semântica Cognitiva, e explica que o *onde* é expandido para domínios que fogem do âmbito espacial. À expansão semântica Pires de Oliveira dá o nome de projeção, que significa a expansão desse pronome para além dos limites do espaço físico, i.e., a projeção de um domínio sobre outros. É pelo fato de vivenciarmos, certas relações espaciais, que podemos projetá-las numa conceitualização de tempo, de tal sorte que falamos sobre o tempo como se ele se estruturasse espacialmente.

A pesquisadora afirma que há quatro domínios de projeção do pronome *onde*. O primeiro é o do locativo **espacial**, ele é descrito pela GN e é reconhecido na substituição por “lugar em que”. Por exemplo, em “(...) vivemos num mundo *onde* a ganância e a violência aumentam seu poder a cada dia” (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p.152) o pronome é usado para relativizar um lugar físico.

O segundo caso é o locativo **temporal**; este não é descrito pela GN, mas está sedimentado enquanto prática de prestígio social, como em artigos midiáticos. No exemplo “Nessa época de férias *onde* a gente passava mais tempo junto” (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 152) há o uso do pronome projetado da dimensão espacial para a temporal.

O terceiro locativo é chamado de **abstrato**, pois há projeção de espaço no item relativizado em nível discursivo. O exemplo “Paramos *onde* o autor falava de vírus” (, p.156) mostra a projeção do domínio do espaço para o domínio da leitura (fala-se em onde começamos a ler, onde paramos...). Nessa situação, não se trata mais de um lugar físico, mas abstrato.

Em outro exemplo, a autora explicita esse tipo de projeção abstrata, vejamos: “Para o homem, foi dada a capacidade de sonhar, *onde* este pode criar sua própria realidade” (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p.158). Aqui, temos a recuperação da “capacidade de sonhar”, que está associada, metonimicamente, com o sonho - o processo pelo produto: pois é no sonho que o homem pode criar sua realidade.

O quarto caso é o locativo **relativo** que aparece quando se usa o *onde* ao invés de *que* e *o/a qual* relativo. A autora afirma que não há exemplos nem na oralidade e

nem na escrita padrão culta, na mídia, mas pode ser visto, com mais frequência, em textos de alunos. No exemplo “Em seguida, os professores, *onde* votaram favorável a iniciativa do sindicato, decidiram pela greve” (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 161), podemos trocar o *que* e percebermos o uso periférico do *onde*, pois ele se afasta do núcleo de significação. Logo, o sintagma retomado não é conceitualizado espacialmente, e se torna mais próximo ao *que* relativo.

Como nos baseamos na proposta de projeção, a expansão semântica, de Pires de Oliveira (1998), não poderíamos deixar de citar a área propriamente dita da Semântica Cognitiva, na qual a autora referenciada se apoia. Esse campo científico tem como um de seus marcos inaugurais a publicação, em 1980, de *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson.

Lakoff (2003) define sua abordagem como realismo experiencialista, trazendo a hipótese central de que o significado é natural e experiencial, sustentado na constatação de que ele se constrói a partir de nossas interações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos. O significado é uma questão de cognição em geral, e não um fenômeno puro ou propriamente linguístico.

Porém, nem todos os nossos conceitos resultam diretamente de esquemas imagéticos-cinestésicos. No conceito de argumentação, por exemplo, não há um esquema sensorio-motor que o ancore diretamente. Há domínios da experiência cuja conceitualização depende de mecanismos de abstração.

Então, a Semântica Cognitiva privilegia dois mecanismos: a metáfora e metonímia. A metáfora define-se por ser o mapa entre um domínio da experiência e outro domínio. E a metonímia é também um processo cognitivo que permite criar relações de hierarquias entre conceitos. Aquela é um processo que estende os esquemas imagéticos e esta estende as categorias. Para a semântica cognitiva, em uma sentença sobre o tempo, como, “De ontem para hoje, o José ficou doente”, o conceito de tempo se estrutura via o esquema espacial do CAMINHO (cf. PIRES DE OLIVEIRA, 2006). Nesse sentido, a sentença é metafórica porque nela o tempo é conceituado a partir de correspondências com o esquema espacial.

Partindo de tais fontes, seguimos para o percurso metodológico que percorremos na construção desta pesquisa.

2. Percurso Metodológico

Como já citado, escolhemos como *corpus* 20 relatórios de estágio da licenciatura em Letras. Foram 10 relatórios de estágio na modalidade presencial, divididos em 05 de observação e 05 de regência; e 10 relatórios de estágio na modalidade semipresencial, divididos, também, em 05 de observação e 05 de regência. Os relatórios de observação são solicitados nas disciplinas de Ensino em Análise Linguística, Ensino de Leitura e Ensino de Língua Oral e Escrita. E os relatórios de estágio de regência são solicitados na disciplina de Estágio em Ensino de Língua Portuguesa.

Depois de selecionar o corpus para verificar os contextos de relativização preposicionada em que o *onde* acontece, buscamos os possíveis grupos de fatores

linguísticos e extralinguísticos para que pudéssemos analisar os dados. Assim, tivemos 09 grupos situados da seguinte maneira:

1. Onde *versus* preposição + que/qual (o, p)
2. Significação - locativo espacial, temporal, abstrato e relativo (e, t, d, v)
3. Proximidade *versus* distanciamento (x, n)
4. Seção do relatório - introdução, infraestrutura, relato e considerações finais (i, f, r, c)
5. Número de vocábulos relativizados (1, +)
6. Tipo de vocábulo - assunto, momento, comum, próprio, concreto e abstrato (a, m, u, s, k, a)
7. Prescrição gramatical - norma padrão e não padrão (z, w)
8. Modalidade de ensino - presencial e semipresencial (p, s)
9. Tipo de relatório - regência e observação (r, o)

Com relação ao primeiro grupo, pensamos, inicialmente, que o pronome relativo *onde* se manifesta em contextos de relativização preposicionada, como *no qual* e *na qual*. Esse uso influencia o segundo grupo de fatores, o da significação, projetando o domínio do espaço para outros domínios, como explicamos no referencial teórico.

Outra hipótese levantada foi a de que o vocábulo relativizado está próximo ou distante do relativizador, e sua posição pode influenciar o uso do pronome *onde* ao invés de outro relativo.

A quarta hipótese diz respeito à manifestação dos pronomes relativizadores segundo a seção do relatório, ou seja, em qual parte poderíamos ter mais marcas, seria na introdução ou no relato, por exemplo.

Outro fator considerado foi o número de vocábulos relativizados (se um ou mais), conforme a hipótese de que a quantidade de vocábulos influenciaria no uso mais frequente do *onde*. O tipo de vocábulo também foi considerado para as análises. Verificamos a classificação das palavras relativizadas, se estavam relacionadas a algum assunto, momento, próprio, comum, concreto e abstrato. Quanto ao assunto, uma palavra estaria sendo relativizada, se ela remetesse ao tópico do tema tratado pelo redator do relatório; quanto ao momento, se a palavra relativizada recupera um tempo situado em um espaço físico; seria próprio, se o substantivo relativizado denominasse nome de pessoas ou lugares; seria comum, se mencionasse qualquer objeto incontável; concreto, se indicar objetos contáveis e de existência própria; e, abstrato, caso indicassem sentimentos, estados ou ações. Elaboramos essa hipótese pensando na influência do vocábulo como fator que contribui para o uso do “onde” como um relativizador, no gênero relatório de estágio.

O sétimo grupo de fator diz respeito à prescrição gramatical, se era um uso descrito ou não na GN. Para isso, trouxemos a definição de norma padrão. Norma padrão para o gramático Cegalla (2008) é a correta utilização oral e escrita do idioma. Já Bechara (2010) distingue *língua comum* de *língua exemplar*. Chama-se *língua comum* uma unidade linguística ideal, que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos. Dentro da língua comum pode-se desenvolver um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. Esta modalidade Coseriu chama de *língua exemplar* e Bechara adota este conceito. Porém, distingue cuidadosamente

exemplar do *correto*. Ao falar de *exemplar*, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem *correto* nem *incorreto*, mas é antes um uso em consonância com a etiqueta social. Já quando se fala do *correto*, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual língua funcional de qualquer variedade regional, social e de estilo. Assim, a gramática dita normativa só leva em conta a língua *exemplar*. Tanto o *correto* como o *exemplar* integram a competência linguística geral dos falantes.

Hipotetizamos, para isso, que estudantes em situação de escrita de um gênero acadêmico formal usavam o pronome relativo *onde* também em contextos de uso não padrão, como se fosse padrão, indicando prestígio.

Os dois últimos grupos de fatores são extralinguísticos. Buscamos observar a modalidade de ensino (presencial e semipresencial) e o tipo de relatório (regência e observação), partindo da hipótese de que o relatório produzido em contexto de ensino semipresencial apresenta mais marcas do uso do *onde* em outros contextos, assim como o relatório de observação teria também.

Como instrumento de análise dos dados, em perspectiva quantitativa, trabalhamos com o Goldvarb, que é um método de análise multivariada, capaz de revelar a interação entre os grupos de fatores e de integralizar os processos linguísticos influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes, linguísticas e sociais.

3. O uso do “onde” em relatórios de estágio: análise

Nesta pesquisa, lidamos com uma variável que é a Relativização preposicionada e as variantes, que são os usos de “onde” *versus* “preposição + que/qual”. Como opção metodológica, selecionamos o *onde* em contexto de relativização preposicionada, já que ele se mostrou, na rodada do programa, como um fator significativo de ocorrência nos relatórios de estágio. Identificamos, assim, quatro variantes que definem o uso do *onde*, como um fator de significação, a saber: espacial, abstrato, temporal e relativo. Na análise que apresentamos a seguir, consideramos, não apenas os fatores de peso relativo, mas explicitaremos todos os fatores que representam os percentuais de fatores que influenciam, diretamente, na interpretação qualitativa dos dados que foram considerados pelo programa como sendo significativos para análise do fenômeno.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
espacial	38/55	69.1	0.860
abstrato	25/36	69.4	0.337
temporal	12/29	41.4	0.241
relativo	16/30	53.3	0.196

Tabela 1: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo com a significação

Conforme vemos na tabela, o uso do *onde* como um fenômeno de relativização preposicionada aparece com maior frequência para indicar ou representar o espaço, seja ele físico ou não. De um total de 55 ocorrências de aparecimento do *onde* como um relativo preposicionado relacionado ao fator significativo representado pelo espaço físico, tem-se a aplicação de 38 usos, indicando o seu aparecimento ao contexto espacial. Podemos observar no excerto do relatório: “A meu ver isso contribui muito para uma *caminhada satisfatória, onde ambos os lados saem enriquecidos de*

conhecimentos e experiências”. O emprego do *onde* em contexto de relativização preposicionada surge marcadamente com o propósito de indicar espaço, “o lugar em que acontece algo”, contudo esse domínio espacial é transferido para outros domínios, que não indicam notadamente espaço físico, mas que remetem a este através de relações semânticas de aproximação dos sentidos, estejam eles ligados ao mesmo domínio categórico. No exemplo supracitado, a palavra *caminhada* remete a um espaço físico, ou seja, rua, estrada, lugar em que podemos transitar.

Os alunos usam metáforas ou metonímias nos exemplos, na maioria de norma não padrão, indicando que a norma padrão que eles manifestam é subsidiada por categorias linguísticas abstratas, subjetivas. Tais categorias indicam que as metáforas e metonímias são os meios que os alunos têm para conceituar as práticas, os conhecimentos, as experiências, em geral.

Relacionado a este fator de significação, apresenta-se, como um grupo de peso relativo ao uso do *onde* como um relativizador que indica espaço, o seu contexto não padrão de aparecimento, conforme vemos a seguir,

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
padrão	27/44	38,0	47,3
não padrão	64/15	81,0	52,7

Tabela 2: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo com a prescrição gramatical

Assim, no que diz respeito ao uso padrão e não padrão do *onde* como um pronome relativizador, temos o fator não padrão com o maior peso relativo, indicando que os produtores do relatório utilizam o *onde*, acreditando pelo próprio contexto de produção deste gênero formal, que seu uso está de acordo com a norma padrão, no intuito de indicar uma escrita de prestígio. Contudo, esse uso intuitivo recai sobre a norma não padrão de uso, apesar de intencionar a uma forma correta. Desta forma, de acordo com o programa, o contexto de uso não padrão surge como um fator relevante de aparecimento do *onde* para indicar outros domínios que não é a priori espacial.

É importante destacar que o fator modalidade de ensino apresentou-se como sendo significativo ao uso do *onde* como um relativizador preposicionado que surge, de acordo com a rodada de dados, para indicar espaço, aparecendo, frequentemente, como um fenômeno que não está de acordo com a norma padrão, em seu pleno domínio.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
presencial	27/61	44,3	0,282
semipresencial	64/89	71,9	0,655

Tabela 3: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo com a modalidade de ensino

Os relatórios produzidos pelos alunos do curso semipresencial apresentam um maior peso relativo, no que diz respeito às maiores ocorrências de uso do *onde* como um relativizador preposicionado aplicado de forma não padrão. Os cursos semipresenciais não apresentam recorrentemente o mesmo número de situações de prática de escrita como nos cursos presenciais, já que, geralmente, os alunos submetem-

se apenas à produção de pequenos textos, tais como fórum de discussão e resolução das atividades de portfólio. Acreditamos que este é um dos fatores de maior relevância para a ocorrência deste fenômeno.

Para comprovar a hipótese, cruzamos os dados dos grupos prescrição gramatical e modalidade de ensino, como podemos ver na tabela 4:

Modalidade de ensino		Z	W
Variantes			
P	O	27%	64%
	P	73%	36%
S	O	47%	90%
	P	53%	10%

Tabela 4: Cruzamento entre os grupos de fatores **prescrição gramatical** e **modalidade de ensino** considerando os usos do **onde** e **preposição + que/qual**

A seguir, apresentamos os outros grupos de fatores que contribuem para a interpretação dos dados, que se apresentaram com um maior peso relativo, como vimos até agora. Consideramos que a proximidade ou distanciamento do item linguístico relativizado influenciava na escolha do pronome relativizador, indicando o uso do *onde* como espaço ou sobrepondo-se a outros domínios.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
próximo	34/49	69,4
distante	57/101	56,4

Tabela 5: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo com a proximidade ao item relativizado

No exemplo: “(...)Carlos explicou, de maneira simples, que toda **história** tem um começo, um meio e um fim, esclarecendo ainda, que **no meio**, geralmente era onde havia mais mistério ou aventura (...)” [5RP]- observamos claramente a influência de um item que está próximo ao relativizador e indica a escolha de uso do *onde* como um espaço físico, ou seja, o **meio**, é o “lugar em que” **há mais mistério ou aventura**. Temos um percentual de 69,4 de uso do *onde* como espaço influenciado por vocábulos que estão próximos a ele.

Para investigar em que sessões do Relatório este fenômeno variável acontecia, observamos a sua porcentagem de aparecimento.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
introdução	5/25	20
infraestrutura	15/19	78,9
relato	67/97	69,1
considerações finais	4/9	44,4

Tabela 6: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo as seções do Relatório

Dentre as seções de introdução, infraestrutura, relato e considerações finais, temos como um percentual de relevância da ocorrência do *onde* em contexto de relativização preposicionada, a seção de infraestrutura. Acreditamos, de acordo com o programa, que esta seção, por ser dedicada às descrições de um espaço físico, que é a escola onde ocorre o estágio de observação e/ou de regência, é a mais cotada para o uso de pronomes que referenciem um espaço físico.

Um outro grupo de fatores a considerar é o tipo de vocábulo que rege o uso do *onde* como um relativizador preposicionado.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
assunto	12/24	50
momento	20/42	47,6
próprio	2/3	66,7
comum	3/5	60
abstrato	23/33	69,7
concreto	31/43	72,1

Tabela 7: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo o tipo de vocábulo

O grupo de fator tipo de vocábulo é importante para direcionar o surgimento do *onde* como pronome relativizador, pois este recuperará o significado de um vocábulo precedente a ele, referenciando-o. O programa considerou o tipo de vocábulo concreto como o de maior percentual (72,1) da ocorrência de uso do *onde*, indicando espaços ou objetos concretos, que não dependem de outros seres. Devido ao fato já especificado na tabela de peso relacionada à significação, que o domínio de maior ocorrência de uso do *onde* é o espacial, sendo, contudo, apontado como um uso não padrão em virtude da transferência de domínios, que é especificamente marcado também pelo tipo de vocábulo, conforme a tabela do programa.

O grupo de fator tipo de vocábulo, apontando o vocábulo concreto como significativo, pode ser ilustrado pelo exemplo: “*Ele (o estágio) é necessário à formação profissional a fim de adequar essa formação as expectativas do **mercado de trabalho onde o estagiário irá atuar**”.* [5RP]. O vocábulo **mercado de trabalho** remete a um lugar concreto, onde todas as profissões possuem seu espaço de atuação. Este fator poderá influenciar diretamente na escolha do *onde* a fim de indicar espaço, por mais que semanticamente não esteja relacionado diretamente a este domínio de uso.

Observamos a ocorrência de surgimento do *onde* em contexto de relativização preposicionada nos dois tipos de relatórios que são solicitados aos alunos do Curso de Letras, os relatórios de regência e os de observação. Conforme vemos a seguir, o relatório de observação é o que materializa significativamente o uso do *onde* representando o domínio de espaço.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
---------	-----------------	------------

regência	54/93	58,1
observação	37/57	64,9

Tabela 8: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo o tipo de Relatório

O relatório de observação é o primeiro grande investimento dedicado a uma produção escrita em contexto de ensino semipresencial. O programa nos mostra um percentual de 64,9 de ocorrência do pronome relativo *onde* para indicar domínios que estejam relacionados a espaços, sejam eles físicos ou não. A maior ocorrência de seu uso em diferentes domínios que não se configuram como uso padrão, mas que representa uma opção de prestígio, se dar em virtude da ausência de revisão textual, tanto por parte do aluno como do professor. Ora, se na prática, o professor recebe esta produção ao final da disciplina, ele não terá condições de dar um *feedback* para seus alunos que, por sua vez, não farão uma revisão mais criteriosa de seu texto a partir das observações do professor. Contudo, teoricamente, era isto que deveria acontecer!

No cruzamento dos grupos de significação e tipo de relatório, tabela 9, percebemos que o *onde* é mais usado como locativo abstrato no relatório de regência (67%) e como locativo espacial no relatório de observação (78%). Isso significa que mesmo com o monitoramento anterior, ou seja, com as correções do relatório de observação, no relatório de regência, os estudantes utilizam mais a forma não descrita pela GN.

		Significação			
Tipo de relatório		E	D	T	V
Variantes					
R	O	61%	67%	43%	61%
	P	39%	33%	57%	39%
O	O	78%	73%	38%	29%
	P	22%	27%	62%	71%

Tabela 9: Cruzamento entre os grupos de fatores **significação** e **tipo de relatório** considerando os usos do **onde** e **preposição + que/qual**

Consideramos, por fim, a quantidade de vocábulos relativizados que podem influenciar na escolha do *onde* como um pronome relativizador.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
um vocábulo	51/89	57,3
mais de um vocábulo	40/61	65,6

Tabela 10: Uso do **onde** versus pronome relativo preposicionado de acordo com o número de vocábulos relativizados

O programa nos indicou que a quantidade de vocábulos influencia no uso do *onde* para indicar espaço físico, conforme vemos no exemplo : “*Por fim, os alunos completaram algumas frases, já observado o quadro seguinte onde estavam distribuídos vários adjetivos.*” [5RP]. De acordo com a Gramática de usos do português, Neves (2011) diz que os pronomes relativos podem ser nucleares ou periféricos dentro do sintagma. Chama de nucleares aqueles elementos que por si próprios constituem o núcleo de um sintagma, com a mesma distribuição de um sintagma nominal.

No caso do enunciado analisado, temos como sintagma nuclear, o sintagma retomado pelo pronome relativizador *onde* na expressão “quadro seguinte”. Ao mesmo tempo, o uso do *onde*, neste contexto, restringe o espaço em que “os adjetivos estavam distribuídos”, podendo o pronome *onde* ser substituído pelo relativo “que”, precedido da preposição “em”. Observemos o cruzamento realizado com os grupos 1 e 5:

		Significação			
Nº de vocábulos relativizados		E	D	T	V
Variantes					
+	O	69%	71%	47%	86%
	P	31%	29%	53%	14%
1	O	69%	67%	33%	43%
	P	31%	33%	67%	57%

Tabela 11: Cruzamento entre os grupos de fatores **significação** e **número de vocábulos relativizados** considerando os usos do **onde** e **preposição + que/qual**

Podemos ver que, quando o *onde* relativiza mais de um vocábulo, ele se apresenta em maior porcentagem como locativo relativo (86%), usado ao invés de "que". Quando o *onde* relativiza apenas um vocábulo, ele se configura como locativo espacial, indicando uma maior porcentagem (69%) para tal uso, seguindo a norma padrão descrita pela GN.

Considerações Finais

Em suma, percebemos a partir da rodada realizada com o pronome relativizador *onde*, que dentre as rodadas feitas com as diferentes variáveis, as que se mostraram mais significativas foram as dos grupos de fatores da significação, prescrição gramatical e a modalidade de ensino. Consideramos em nossas análises os outros grupos de fatores e suas variáveis que, por sua vez, também complementam e corroboraram com as reflexões advindas dos grupos considerados significativos pelo programa. São os grupos de fatores do tipo de vocábulo relativizado, do número de vocábulos relativizados, da seção do relatório, o tipo de relatório e se o vocábulo relativizado está próximo ou distante do relativizador.

A modalidade de ensino, considerada um fator extralinguístico, apresentou-se pelo programa como um fator significativo. De acordo com a rodada do programa, o uso

do onde como pronome relativizador se apresenta com maior frequência na modalidade semipresencial. Contudo, o uso deste pronome relativizador não é sempre representado pelo seu domínio de origem: o espaço. A partir da sobreposição sobre outros domínios, tais como para indicar tempo ou ações e fatos abstratos, é que o uso do onde como pronome relativizador se apresentará, com maior frequência, como não padrão, nos relatórios produzidos no curso semipresencial.

Quanto à significação, compreendemos a partir das análises realizadas que os alunos tendem a projetar o domínio espacial para outros domínios, pois o domínio espacial veiculado normativamente pelo “onde”, indicando “o lugar em que acontece algo”, é transferido para outros domínios, que não indicam notadamente espaço físico, mas que remetem a este através de relações semânticas de aproximação dos sentidos, sejam eles ligados, de certa forma, ao mesmo domínio categórico.

Quanto à prescrição gramatical podemos observar, através do quantitativo apresentado pelo programa, que os alunos da modalidade semipresencial, em virtude de seu contexto, utilizam o *onde* em contexto de relativização preposicionada não padrão. Partimos, para tanto, da nossa própria experiência enquanto tutoras do Curso de Letras semipresencial, e corroboramos com a ideia de que os alunos desta modalidade, até o estágio de observação, são submetidos raras vezes a prática de escrita de gêneros formais. Assim, o estágio de observação não é antecedido por um monitoramento, ou seja, não houve uma prática mais ostensiva de produção de gêneros acadêmicos.

Ainda no que diz respeito à modalidade de ensino e a escrita de gêneros acadêmicos, acreditamos também que, na modalidade semipresencial, um dos fatores consideráveis para esse fenômeno de variação, é que os alunos não têm fácil acesso ao material disponível no curso presencial, já que nem sempre há uma biblioteca composta de um considerável acervo das obras que poderiam complementar as leituras realizadas no sistema virtual de aprendizagem (SOLAR).

Em relação ao tipo de vocábulo, dentre os elegidos por nós: assunto, momento, próprio, comum, abstrato e concreto, destaca-se o vocábulo concreto como sendo o de maior relevância para o uso do onde como indicador de espaço ou de objetos concretos. O tipo de vocábulo concreto é o maior responsável pela transferência de domínios do onde como um relativizador, voltado para um uso não padrão.

O número de vocábulos relativizados também influencia no uso não padrão do onde como pronome relativizador. Quando há mais de um vocábulo sendo relativizado, apresenta-se uma maior tendência do uso do onde para retomar um sintagma referente a um locativo relativo, mesmo não sendo representado pela sua forma apriorística, ou seja, o “que” relativo.

Observamos, igualmente, que o fenômeno variável investigado apresentava-se com maior frequência na seção da infraestrutura, que é uma das partes presente na estrutura composicional dos Relatórios de Estágios. Isto está relacionado ao fato de que, nesta seção em específico, é que pode ocorrer com maior frequência o uso do onde para referenciar um espaço físico, ao se tratar da infraestrutura de um lugar, a escola em que ocorre o estágio.

Os alunos que fazem o estágio são submetidos, em semestres diferentes, à produção de relatórios de acordo com o contexto de suas ações neste âmbito. Há, assim,

o relatório de observação e o de regência. Constatamos, a partir da rodada realizada no programa, que os relatórios de observação apresentam uma maior índice de uso do onde como pronome relativizador para indicar outros domínios que não é só lugar físico, mas que escolhem seu uso por acreditar ser o de maior prestígio.

Finalmente, outro grupo de fator que consideramos é o da proximidade ou distanciamento do item relativizado em relação ao pronome relativizador. Constatamos que quanto mais próximo o item relativizado se encontra do relativizador, no caso o "onde", mais ele indicará um uso voltado para remeter a um espaço físico.

Desta forma, podemos concluir que em gêneros acadêmicos formais, apesar deste contexto de escrita priorizar relações linguísticas de alto grau prescritivo, há fenômenos que podem estar em situação de variação e que podem ocupar espaços antes desconhecidos. Em nossa pesquisa, isto se mostrou relevante, ao constataremos que o uso do onde como pronome relativizador está indo além de sua função primeira, de representar um locativo e ganha outros domínios, a fim de criar os mesmos significados por meios de outras construções relativizadoras.

Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2 ed. Ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico, - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48.ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2009[1972].

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: The university of Chicago press, 2003.

LEURQUIN, E. V. L. F. O relatório de observação de aulas como um viés de acesso ao ensino/aprendizagem de língua materna. In *A linguagem e seus múltiplos olhares*, 2007.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editoria Unesp, 2011.

PIRES DE OLIVEIRA, R. Os caminhos do “onde”: uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna. Cabral, L. G.; Gorski, E. (org.). *Linguística e ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Fpolis Insular, 1998.

_____. Semântica. Mussalim e Bentes (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol.2, 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin (Tradução de Marcos BAGNO). *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.